

Sobre a personalidade de um “defensor da vida”

Como dialogar com pessoas que parecem desprezar a vida?

Como ajudar quem, diante de situações extremas, escolheu uma saída infeliz, porque optou pelo aborto ou pela eutanásia?

17/10/2018

Reflexões preliminares

I. Algumas atitudes convenientes

1. Fortaleza

2. Humildade

3. Saber ouvir

4. Compreensão

II. Estar aberto às amizades

1. Uma condição imprescindível

2. O valor da amabilidade

3. Transmitir a verdade

4. Ajudar a sair das dificuldades

Nota final

.....

Reflexões preliminares*

Lembro-me de uma escritora alemã, Karin Struck. Fomos amigas na última etapa da sua vida. Se ela não tivesse sofrido uma morte prematura (2006), provavelmente estaria

connosco, hoje, neste grande Congresso para a vida.

Durante muitos anos, Karin foi uma romancista famosa. Nos seus tempos de universitária, militou no Partido Comunista; depois, difundiu o amor livre e a homossexualidade. Decidiu viver sozinha com os seus quatro filhos, sem marido nem namorados.

Um dia, abortou o seu quinto filho. Embora não praticasse religião alguma e vivesse alheia aos tradicionais códigos éticos, ficou profundamente assustada com o ato que cometeu. Com a sua sensibilidade de artista, expressou a sua angústia num livro intitulado *"Ich seh mein Kind im Traum"* (*"Vejo o meu filho em sonhos"*, 1992).

Com a publicação do livro, a sua vida mudou radicalmente. As grandes editoras fecharam-lhe as portas, e também as revistas importantes, a rádio e a televisão rejeitaram as suas

regulares colaborações. Karin ficou completamente marginalizada, afastada do público. E percebeu, cada vez com mais profundidade, o grau de doença das nossas sociedades.

Era uma mulher corajosa e valente. Quando percebeu que estava, indiretamente, financiando milhares de abortos, pelo simples facto de pagar a segurança social, desistiu do pagamento, juntamente com os seus quatro filhos. Mas depois de algumas semanas, sofreu com o seu filho pequeno um acidente de carro muito grave: ela e a criança entraram em coma, precisaram de várias cirurgias e longos períodos de internamento. Do ponto de vista económico, isso significava que Karin tinha caído na miséria.

No entanto, ela não estava sozinha. Os grupos pró-vida – da Alemanha, Suíça e Áustria – e muitas pessoas

que a tinham conhecido por meio do seu livro contra o aborto formaram uma rede de apoio a Karin.

Socorreram-na tanto material, como espiritualmente; deram-lhe força para recuperar a sua vida desde o início, e ânimo para ir adiante. Numa das suas últimas cartas, Karin contou-me: “ *Agora, limpo as casas de outras famílias e, nalgum momento, espero terminar os meus estudos. Já não sou famosa, nem quero ser. Finalmente, estou em paz*”.

Gostaria que juntos olhássemos para essas pessoas que ajudaram a Karin. Deram-lhe o apoio financeiro, tão necessário numa situação precária. Mas deram-lhe muito mais: transmitiram-lhe uma nova alegria, uma nova esperança na sua situação dolorosa. Poderia dizer-se que despertavam e defendiam a sua vida de uma forma integral.

Nesta exposição, não me refiro, portanto, ao que disserem os “*defensores da vida*” – que somos todos nós – aos grupos de pressão ou a alguns políticos. Também não me refiro aos panfletos que escrevem, nem às manifestações que organizam. Só quero refletir sobre o nosso comportamento diário perante pessoas concretas “*do outro lado*”: pessoas que abortaram ou querem abortar, que pediram a eutanásia ou querem realizá-la.

Alguns dos “*defensores*” estão organizados em associações, outros não. Em geral, não é preciso pertencer a um grupo para defender a vida, embora muitas vezes seja oportuno. No entanto, não devemos esquecer que a força de um grupo depende da personalidade de cada um dos seus membros. Por conseguinte, é tão importante começar por nós mesmos, se

queremos defender a vida com eficácia.

I. Algumas atitudes convenientes

Somos muito diferentes uns dos outros, e também as circunstâncias nas quais nos encontramos. Convém, além disso, que como pessoas diferentes, tenhamos diferentes formas de agir. No entanto, podemos destacar algumas características comuns que, de uma forma ou de outra, cada “*defensor*” deveria desenvolver.

1. Fortaleza

É precisa uma boa dose de valentia e de fortaleza para trabalhar a favor da vida na nossa época de ditaduras ocultas ou manifestas. Vou contar alguns factos que o mostram com total

Quando caiu o Muro de Berlim, a Alemanha Oriental passou a ser, de

repente, um Estado livre, no qual vigoravam novas leis. Então, abriram-se os arquivos da polícia secreta e foram descobertos – entre milhares de outros assuntos vergonhosos – alguns factos particularmente graves, que foram pouco noticiados. A polícia secreta da Alemanha comunista esteve muito pendente da destruição da moralidade pública e privada na Alemanha Ocidental. Empregou métodos muito precisos para minar a defesa da dignidade humana, do matrimónio e da família. Assim, por exemplo, cada vez que alguém se pronunciava a favor da vida – seja na televisão, na rádio ou num jornal – recebia críticas severas em quase todos os meios de comunicação. Era chamado “*fascista*”, intolerante e arrogante, era desprezado, ridicularizado e, finalmente, silenciado. Grande parte das críticas vinha com um nome falso da Alemanha comunista.

Se estivermos dispostos a trabalhar a favor da vida, precisamos de um coração livre e forte. Temos que chegar a ser cada vez mais independentes dos julgamentos dos outros. Um autêntico “*defensor*” aceita serenamente ser tomado por louco. Na verdade, é mais saudável do que uma pessoa considerada “*normal*” pela sua boa adaptação na nossa sociedade, porque não renuncia à sua capacidade de pensar por si mesmo, nem à sua espontaneidade; segue, apesar dos obstáculos, a sua própria luz interior, e opõe-se a tudo o que diminui o homem, o massifica, ou o torna objeto, o manipula e o engana.

Antes da legalização da eutanásia na Holanda (1-IV-2002), já era costume em muitos hospitais, “*livrar-se*” dos doentes terminais em segredo, quando parecesse útil para alguém. Nessa época, a mãe de Piet, um conhecido meu, estava a morrer com

uma doença dolorosa. Nos seus últimos dias, sofria muito e, com toda a família reunida na sua sala, o médico chefe entrou, olhou para nós, chamou Piet e disse-lhe no corredor: *“Olha, agora eu daria uma injeção à sua mãe, para provocar-lhe uma boa morte. Mas sei que você tem outras convicções. Por isso, preciso do seu consentimento, não quero problemas”*. Piet não deu permissão, e o médico não pôde aplicar a eutanásia. A mãe sofreu uma longa agonia. *“Foi traumático, comentou Piet mais tarde. Ver a nossa mãe morrer e não poder ajudar. E, sobretudo, a família inteira a culpar-nos pelos seus sofrimentos, e a reprovar a nossa dureza de coração”*.

Na verdade, existem situações extremamente duras. Existe o perigo de fraquejarmos, e é possível que caíamos se não temos convicções fortes, muito assimiladas e

arraigadas numa visão completa da existência.

2. Humildade

O “*defensor da vida*” está pronto para se opor – contra qualquer vento e maré – ao mal no nosso mundo. Por essa causa, vale a pena perder o prestígio social e gastar até as últimas energias.

No entanto, temos que reconhecer que somos fracos e podemos cansar-nos. Temos participação no mal. Durante a Segunda Guerra Mundial, o escritor trapista Thomas Merton afirmou com contrição, nos Estados Unidos: “*Que cada um reconheça a sua própria grande culpa e, já que todos somos culpados de alguma forma dessa guerra... Somos uma árvore da qual Hitler é um dos frutos, e todos o alimentamos*”.

Segundo um de seus biógrafos, Merton sabia muito bem “*que o*

pecado, o mal e a violência que via no mundo eram o mesmo pecado, o mesmo mal e a violência que tinha descoberto no seu próprio coração... A impureza do mundo era um espelho da impureza do seu próprio interior”. Na solidão e no silêncio, Merton tomou consciência de que nele vivia a humanidade inteira, com toda a sua miséria, mas também com o seu desejo de amor: encontrou o mundo em si próprio.

Estas experiências convidam-nos a olhar profundamente a condição humana, e a fazer os nossos juízos não tão radicais sobre as situações complexas. Não existem apenas duas cores, o preto e o branco: o mundo não está cheio de pecadores, por um lado, e de mártires que morrem a cantar, por outro.

Este facto foi ilustrado por João Paulo II durante sua visita ao campo de concentração de Auschwitz. Quando

o Papa entrou neste lugar de horror, onde mataram muitos amigos e companheiros de infância, não fez sermão algum, nenhuma advertência. Começou a recitar a Confissão pedindo perdão a Deus pelos seus pecados.

Estamos profunda e pessoalmente envolvidos nos acontecimentos do nosso mundo. Se, humildemente, reconhecermos o nosso envolvimento e olharmos para o núcleo mais íntimo do nosso ser, poderemos melhorar, pelo menos, uma pequena parcela da sociedade à qual pertencemos. E, então, poderemos ver com olhos mais limpos que, além de todos os erros, existem muita bondade e beleza nos demais.

Contam que o general Robert Lee falou, numa reunião, em termos muito elogiosos, sobre um oficial sob suas ordens. Outro militar que estava

presente ficou impressionado: “*General – disse – não sabe que o homem de quem fala com tal admiração é um dos seus piores inimigos, que nunca perde uma oportunidade para denegri-lo?*”. ”Sim, respondeu o General Lee, *mas pediram a minha opinião sobre ele, e não a opinião que ele tem de mim*”.

Só quando nos esforçamos por ser verdadeiramente humildes existe a possibilidade de que alguém nos abra o seu coração. Às vezes, convém conversar primeiro das nossas próprias faltas, dos próprios erros. O sábio chinês Lao-Tse disse há 25 séculos: “*Como é que os grandes rios e mares se tornam os senhores das Planícies? Tornando-se úteis de tanto rastejar no chão. Foi assim que eles se tornaram os senhores das Planícies*”. Do mesmo modo, parece-me, deveria agir quem quer transmitir uma verdade: deve colocar-se abaixo dos homens. Assim, os outros não sentem

o seu peso, e não tomam as suas palavras como um insulto.

Além de que, cada homem é, realmente, superior a nós em vários aspectos. Nesse sentido, podemos aprender com todos.

3. Saber ouvir

Uma das consequências imediatas da humildade é a capacidade de acolher e de ouvir o outro. Às vezes, é preciso muito caráter e autocontrole para não se exasperar imediatamente. No entanto, a irritação e as censuras são inúteis, porque põem a outra pessoa na defensiva e, geralmente, tentam que ela se justifique. Ferir o outro com críticas contundentes não só não corrige, mas agrava a situação. As feridas podem criar ressentimentos que, às vezes, perduram décadas e continuam a queimar até à morte.

Quando alguém erra, talvez o admita para si mesmo. E se soubermos levar,

com suavidade e tato, talvez também o admita à nossa frente. Não acontece assim quando tentamos convencê-lo a todo o custo de que não tem razão.

O segredo para agir com calma consiste em não identificar a pessoa com a sua atitude. Todo o ser humano é maior do que a sua culpa. Um exemplo eloquente é dado por Albert Camus, que dirigindo-se aos nazis, numa carta pública, fala dos crimes cometidos em França: “ *E apesar de tudo, continuarei a chamá-los seres humanos... Esforçamo-nos por respeitar em vocês o que não souberam respeitar nos outros* ”. Cada pessoa está acima dos seus piores erros.

Quase sem exceção, falamos muito quando tentamos atrair os outros ao nosso modo de pensar. Primeiro, a outra pessoa tem que falar. Ela sabe mais do que nós sobre os seus

problemas, as suas lutas e os seus sofrimentos. É preciso criar um clima no qual ela fale sem medir as suas palavras, que possa mostrar as suas fraquezas sem medo algum de ser repreendida.

Somos chamados a empenhar-nos na difícil arte de ir ao fundo dos outros, de não ficarmos no que dizem, mas sim de chegar ao que nos querem dizer, de não ouvir apenas palavras, mas as mensagens. Muitas vezes, convém assumir a função de caixote de lixo. Talvez a escassez destes “*caixotes de lixo*” seja a causa da solidão angustiante de muitas pessoas: estão cheias de sentimentos destrutivos e experiências horríveis que não podem partilhar com ninguém.

Se percebermos que estamos em desacordo com a pessoa que nos fala, podemos querer interrompê-la. Mas é melhor não o fazer; pois assim não

a ajudamos. Ela não nos prestará atenção, enquanto ainda tiver uma série de ideias e de experiências pessoais que procura expressar. Primeiro, é preciso não dar conselhos, mas sim estar ao lado do outro.

Temos de ouvir, tranquilamente, até ao fim. A palavra que fica dentro de uma pessoa pode ser decisiva. E justamente esta palavra tem que sair. Por isso – adverte Guardini – temos de nos exercitar para “*ver, ouvir, sentir como, por trás de um sentimento que se mostra, por trás de um pensamento que se expressa, há muito mais que permanece oculto; e quando o que foi escondido é finalmente conhecido, pode ser que por trás disso exista ainda mais*”.

Os melhores conversadores não são aqueles que falam bem, mas os que se interessam pelo que os outros dizem.

4. Compreensão

Lembro-me de uma adolescente desesperada que estava grávida e sofria fortes pressões para abortar. Durante várias semanas, procurou ajuda, mas não sabia a quem dirigir-se. Quando falei com ela, perguntei por que razão não tinha dito nada à sua amiga que estava a trabalhar febrilmente numa associação pró-vida. “*Impossível*, respondeu. *Não posso falar com ela sobre estas questões. Seria um escândalo para ela. A nossa amizade acabaria*”. Mas, quando alguém caiu nas profundezas da dor, não é exatamente o amigo, a amiga, quem deve lutar por ele e com ele? “*Seja solidário com os outros, especialmente quando eles forem culpados*”, diz um provérbio francês.

Num momento de desalento, de fracasso ou de angústia, é extremamente importante encontrar

alguém que compreenda, não se zangue, não classifique friamente, mas seja capaz de compartilhar os sentimentos muitas vezes contraditórios que se encontram no coração humano. Há momentos em que cada homem, mesmo o mais cruel assassino, necessita consolo e alívio. O criminoso americano Crowley, condenado à cadeira elétrica pelo assassinato de muitas pessoas, escreveu pouco antes de sua morte: “ *Eu tenho por baixo da roupa um coração cansado, um bom coração: um coração que não iria magoar ninguém*”.

Sabemos o que esse homem viveu? Sabemos as manipulações e pressões às quais esteve exposto desde a infância, o seu vazio interior, o tédio? O que causou o seu desespero e o seu ódio? Há um motivo oculto pelo qual cada pessoa pensa e procede como o faz. Se encontrarmos esse motivo,

temos a chave das suas ações e, talvez, da sua personalidade.

Num mundo cheio de situações terríveis, somos chamados a descobrir a possibilidade de uma compaixão. O grande escritor britânico Graham Greene disse: *“Se conhecêssemos as coisas até ao fundo, teríamos compaixão até das estrelas”*.

Não me refiro, evidentemente, ao exercício da justiça pública; não se trata de negar uma punição. Falo apenas da atitude de uma pessoa concreta frente a outra, que se tornou culpada. Na vida quotidiana, não nos compete condenar os outros, nem julgar as suas intenções.

Quando estes atos são realizados ‘*na rua*’, muitas vezes não estão isentos de uma grande incompreensão. Além disso, iniciam um novo ciclo de violência e de opressão. A única libertação verdadeira é aquela que

toca o coração e o move para mudar, com a graça de Deus.

Um comentário mordaz ou cínico não ajuda ninguém, mas afunda o outro ainda mais na miséria. No entanto, se uma pessoa nota um verdadeiro interesse, uma autêntica preocupação por si e pela sua situação, pode ser que reaja favoravelmente. A compreensão tem um efeito curativo.

Deve-se compreender que cada pessoa precisa de mais amor do que ‘merece’; cada um é mais vulnerável do que parece. E mesmo a pessoa mais violenta pode arrepender-se das suas faltas, pode mudar e crescer ao longo de toda a vida. “*Não existe pecador sem futuro, nem santo sem passado*”, diz a sabedoria popular.

Compreender é ter a firme convicção de que cada pessoa, independentemente de todo o mal que tenha cometido, é um ser

humano capaz de fazer o bem. Ninguém está totalmente corrompido; em cada um brilha uma luz. Pela compreensão, dizemos a alguém: “ *Não, tu não és assim. Sei quem és! Na realidade, és muito melhor.*” Desejamos o melhor para o outro, o seu pleno desenvolvimento, uma felicidade profunda, e esforçamo-nos por amá-lo do fundo do coração, com grande sinceridade.

Existem, realmente, essas pessoas que sabem dar carinho e esperança aos outros. A sua presença gera uma sensação de bem-estar. Os outros sabem que estão em boas mãos com elas, quando estão com elas; sabem que são estimadas e queridas, apesar de todos os seus defeitos. Podem deixar as suas cargas, descansar e descobrir os valores que talvez nunca tenham conhecido.

II. Estar aberto às amizades

Se quisermos que o outro se liberte realmente do erro, do equívoco, da fealdade ou da maldade, e que se abra a novos conhecimentos, temos de conseguir um relacionamento amigável. Só se aceita um conselho, quando há confiança. Ouve-se quem é amigo e ninguém mais.

A amizade dá um novo brilho à nossa existência e faz mais amável a nossa vida. Goethe expressa-o de uma forma poética: “ *O nosso mundo parece muito vazio – afirma – se o imaginamos cheio de montanhas, rios e cidades. Mas sabemos que aqui ou ali existe alguém em sintonia connosco, alguém com quem continuamos vivos, embora esteja em silêncio. Isso, e apenas isso, faz com que a terra seja um jardim habitável*”.

Precisamente ante a massificação e o anonimato, tão caraterísticos do nosso tempo, precisamos de lugares quentes, espaços onde nos podemos

sentir em casa. Quando se tem amigos, tem-se a experiência da confiança, a experiência do lar. Para muitos contemporâneos, a amizade é o seu lar e a sua pátria no meio de uma terra sem pátria e sem lar.

Quem tem amigos de outros partidos políticos, outras profissões, religiões e nacionalidades, é uma pessoa feliz. Abre-se um mar sem margens.

Relacionando-se e querendo bem às mais diversas pessoas, amplia-se a mente e alarga-se o coração. Recebe muito e dá muito. É quem melhor pode orientar aqueles que parecem estar numa situação sem saída.

Evidentemente, a amizade não pode ser forçada. É um dom do alto. Mas podemos capacitar-nos para receber esse dom.

1. Uma condição imprescindível

Para me aventurar na vida do outro, devo estar em paz comigo mesmo.

Devo estar de bem comigo e chegar a ser, de alguma forma, “ *meu próprio amigo* ”.

Conheço uma mulher que abortou várias vezes e, depois de uma espetacular mudança, trabalhava agressivamente a favor da vida. Numa ocasião, confessou-me: “ *Francamente, eu odeio-me. E odeio todas as mulheres que abortam. Se uma pessoa fez esse crime, só tem duas opções: lutar veementemente a favor ou contra a vida, para silenciar a voz da sua consciência*”.

No entanto, não defendemos a vida, em primeiro lugar, para resolver problemas pessoais, mas para ajudar os outros. Não poderemos fazê-lo com eficácia, se não transmitimos nada mais além do nosso caos interior, afogando os outros com nossos sentimentos amargos e prejudiciais. Fugirão de nós para se proteger.

Se não me sinto de bem comigo mesmo, não me sentirei bem em nenhum lugar. Se não me encontro comigo mesmo, não posso realizar um verdadeiro encontro com nenhuma pessoa. Se não estou em harmonia comigo, não posso semear paz ao meu redor.

Existe também uma terceira opção para aqueles que realizaram o aborto: podem defender a vida serenamente, se chegaram a ser o “*seu próprio amigo*”. Mas, como é isso possível? A amizade exige uma atitude de profunda sinceridade. Nada se pode construir sobre uma mentira. Assim, para ser “*meu amigo*”, preciso de agir com retidão interior. Não devo reprimir as principais questões levantadas, com maior ou menor frequência, no meu interior. Tenho de pôr em ordem a minha própria alma, direcionando-a para o bem, e procurar o pleno significado da minha existência.

Se uma pessoa se reconcilia com Deus e consigo mesma, tem a oportunidade de dar ao mundo o seu próprio testemunho com especial convicção. É uma tarefa admirável, uma ocasião para desagravar e, evidentemente, também é um tratamento para curar as próprias feridas cada vez mais profundamente.

2. O valor da amabilidade

Existem duas formas de mostrar a nossa força num diálogo: podemos derrubar ou elevar; podemos agir de forma destrutiva ou construtiva.

Linguagem ofensiva, palavras sarcásticas, uma certa arrogância, brusquidão, prepotência e reprovações são exemplos de uma conversa destrutiva, produzem resistências e, às vezes, francas revoltas.

Não se requer uma especial habilidade para pisar o próximo. Qualquer um pode fazê-lo. Dói, às vezes, ainda mais a frieza do que a raiva. Mas o preço é alto. Se discutirmos, entramos em enfrentamento e contradições; criamos distâncias. Se nos deixarmos levar pela agitação interior, acabaremos ofendendo. Às vezes, podemos conseguir algum sucesso. Mas será uma vitória vazia. Uma pessoa forçada contra a sua vontade não cede. Não sai do círculo vicioso em que se encontra e, muitas vezes, tende a sabotar os esforços do interlocutor.

É verdade que a coação pode evitar, às vezes, um mal. Pode evitar, por exemplo, a morte de inocentes. Mas não é um meio adequado para conduzir uma pessoa no caminho do bem. Uma mudança obtida por violência, geralmente, não é

profunda e duradoura. Não se pode forçar ninguém a ser bom.

Os chineses dizem: “*Quem pisa suavemente vai longe*”. O mesmo expressa a famosa fábula do sol e do vento de Esopo. Ambos discutiam sobre qual era mais forte, e o vento disse: “*Vê aquele rapaz envolto num casaco? Aposto que vou conseguir tirar-lhe o casaco mais depressa do que tu*”. O sol recolheu-se atrás de uma nuvem e o vento soprou até quase se tornar um furacão. Mas quanto mais ele soprava, mais o rapaz apertava o casaco. Finalmente acalmou-se e foi embora; então o sol saiu de trás da nuvem e acionou os seus recursos para vencer a aposta. Aqueceu, gradualmente, a atmosfera e a roupa daquele rapaz. Imediatamente, ele tirou o casaco.

Na verdade, a gentileza e a amizade são sempre mais fortes que a fúria e a força. Somente através do coração

podemos chegar diretamente à razão de outra pessoa. Se ela nos rejeita, não podemos fazer nada. Mas se percebe que lhe queremos realmente e que é especial e importante para nós, e que desejamos que seja plenamente feliz, então abre-se a possibilidade de um relacionamento amigável, no qual, como temos visto, cada um escuta o outro e cada um aprende com o outro.

A amizade surge e cresce quando quebramos as imagens que fizemos da outra pessoa. É uma experiência muito pessoal que necessita de tempo, paciência e muita sensibilidade.

Quem ama, dá algo de si mesmo, da sua própria vida, do que está vivo nele. Partilha as suas alegrias e tristezas, esperanças e decepções, experiências e planos, as suas reflexões e, não menos importante, a verdade que encontrou; numa

palavra: dá-se a si mesmo. Neste ambiente, não é difícil falar de tudo, mesmo das próprias faltas, ainda que sejam muito graves.

3. Transmitir a verdade

Para conseguirmos chegar a um diálogo construtivo, convém que aprofundemos a relação positiva que já existe entre nós. É importante ver o lado bom dos outros, porque tendemos a agir em conformidade com o que esperam de nós. Nesse sentido, aconselha a sabedoria popular: “ *Se desejas que os outros sejam bons, trata-os como se já o fossem* ”.

Teríamos de falar sempre com um toque pessoal. Quando se escutam frases triviais, alguns deixam de ouvir. Não deveríamos esquecer que as palavras – e até mesmo os melhores exemplos – se desgastam com o uso excessivo. Uma vez que os argumentos em favor da vida são

usados com frequência e em muitos contextos, pode ser que deixem de causar uma boa impressão.

Precisamos de uma fidelidade criativa aos princípios comuns.

Quem deseja o bem do próximo, de verdade, não atenua ou oculta o mal que este tenha cometido. Tentará transmitir as exigências éticas claramente, adaptadas às circunstâncias de cada caso. Não procurará compromissos falsos, porque sabe que eles não podem levar ninguém a uma paz estável. “

Não é honesto contornar princípios éticos básicos –afirmam **Natalie**

Horstmann e Henry Sueiro –

Existem coisas boas e coisas más, e a sua bondade ou maldade é independente do consenso. O cigarro não mata, só porque a embalagem o diz...; nem a violência machista é uma aberração, porque o Governo a condene. São realidades nocivas em si

mesmas, não importa quem as diga, ou mesmo que ninguém o diga”.

O próximo tem direito de saber toda a verdade, mesmo que, à primeira vista, possa ser amarga. Para isso, temos a obrigação grave de fazê-lo participante da luz que temos, provavelmente pela generosidade dos outros.

Além disso, para ganhar em sinceridade em qualquer relação humana, é conveniente e necessário revelar a própria identidade. O outro quer saber quem sou, da mesma forma que desejo saber quem ele é. Se suprimirmos as diferenças e nos acostumarmos a calar, talvez possamos desfrutar de um momento de aparente harmonia. Mas, por fim, não nos aceitaríamos um ao outro, tal como somos na realidade. E, ainda, o nosso relacionamento ficaria cada vez mais superficial,

mais decepcionante, até que cedo ou tarde, se romperia.

Se criarmos um ambiente de confusão, não ajudamos ninguém. Portanto, temos de expor a verdade tão clara e completa quanto seja possível. Quando agimos desta maneira, não impedimos a amizade, mas, muito pelo contrário, incentivamo-la, se mantivermos a delicadeza e o respeito. “ *Não aceiteis nada como verdade se falta o amor. E não aceiteis como amor nada se falta a verdade. Um sem o outro torna-se uma mentira destrutiva*” . Essas palavras, inspiradas pela filósofa **Edith Stein**, parecem-me particularmente adequadas para a defesa da vida. Toda a verdade misturada com veneno acaba, simplesmente, falsa.

4. Ajudar a sair das dificuldades

De acordo com Sócrates, não convém ensinar nada a ninguém. O grande

mestre conduzia sabiamente os seus contemporâneos às verdades que eles próprios encontravam. O seu método refletia um conhecimento profundo do coração humano.

Muitas vezes, de facto, estamos mais convencidos das verdades que descobrimos por conta própria do que daquelas que nos servem em bandeja de prata.

Na psicologia diz-se – de forma análoga – da “*intenção roubada*”: se quero fazer algo – inclusive com grande afã –, e outra pessoa me diz para fazer exatamente isso, pode ser que diminua o meu desejo. Sinto-me um mandado, não o protagonista da obra. Ninguém gosta de receber ordens sobre coisas que decidiu fazer.

Assim, convém apelar aos motivos mais nobres do outro e ajudá-lo para que ele mesmo queira fazer o bem ou se arrependa do mal. Ele mesmo

pode e deve decidir sair do poço em que caiu. Próximo de um amigo, isso é possível. Junto do amigo, uma pessoa pode entrar em relação com seu autêntico eu; pode perceber o sincero e o verdadeiro no seu próprio coração. Pode sentir-se como que envolvida pelo ar da montanha, onde possa respirar de forma diferente do habitual; e esse ar leva-a a entrar em contacto com o mais sublime e elevado que existe nela.

A nossa tarefa consiste, acima de tudo, em colocar o outro em relação com os seus sentimentos mais íntimos e autênticos, e incentivá-lo a expressar os silenciosos impulsos do seu coração. Podemos garantir-lhe a nossa proximidade, dar-lhe uma mão e transmitir-lhe a firme convicção de que o caminho para a salvação é viável.

Um bom amigo dá ânimo, luz e esperança, embora a noite seja

escura. Ajuda o outro a sair de uma depressão após uma grande queda. Dá-lhe confiança para que se levante, e força para assumir a sua própria culpa – com todas as suas consequências. E, por último, mas não menos importante, desperta nele o desejo de se decidir, novamente, pela vida. Um provérbio japonês diz: *“ Com um amigo ao meu lado não há nenhum caminho que seja muito longo”*.

Nota final

O amor à vida expressa-se, muitas vezes, na valentia, na fortaleza e na justiça. E manifesta-se, ao mesmo tempo, na humildade, no escutar e na compaixão. Sempre defende a verdade e, em muitos casos, consegue construir uma autêntica amizade.

Queremos dar vida a todos, tanto aos que estão em perigo material de perdê-la, como aos que estão em

perigo espiritual de roubá-la. Todos precisam da nossa solicitude, e não devemos esquecer que quem faz o mal se prejudica ainda mais do que aquele que sofre.

Para isso, voltamos o nosso olhar para as vítimas talvez ainda mais destroçadas do que as crianças que não nascerão, ou do que os idosos que morrem antes do tempo.

Queremos dar a vida também aos responsáveis pelo aborto e pela eutanásia. Queremos oferecer-lhes a nossa ajuda para sair do seu erro e rever as suas atitudes. Com isso, estamos convencidos de que “*a verdade só pode ser imposta pela força da própria verdade*”.

Se um “*defensor*” se acostuma a descobrir o interior bom de todo o homem e a tornar real o encontro com quem agiu mal, então aperfeiçoará a sua própria vida. No relacionamento sincero com os

demais, cresce a sua vitalidade. Terá mais ideias, brilharão mais valores. O “*defensor*” torna-se, acima de tudo, mais amável, mais apto a orientar. Adquirirá, no meio de um mundo caótico, sabedoria para compreender, paciência para lutar, e uma alegria indescritível, que é fruto do empenho por levar os outros das trevas à luz. A sua vida resume-se no famoso lema de Antonio Machado: “*pensar alto, sentir profundamente, falar claro*”.

* Conferência proferida a 6 de novembro de 2009 no IV Congresso Internacional Provida, realizado em Saragoça (Espanha).

Jutta Burggraf, falecida em 2010, foi professora de Teologia Dogmática e de Ecumenismo na Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra.

Jutta Burggraf

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/sobre-a-
personalidade-de-um-defensor-da-vida/](https://opusdei.org/pt-pt/article/sobre-a-personalidade-de-um-defensor-da-vida/)
(19/01/2026)